Espelho, espelho meu: a condição existencial do homem em *Azul de Fevereiro*, de Eduardo Mahon[1]

Giselli Liliani Martins[2] - (UNEMAT/SINOP) - CAPES[3]
Sandra Maria Alves de Souza[4] - (UNEMAT/SINOP)

O fantástico é uma lente de aumento que serve para ver melhor a realidade.
(MAHON, 2020, p. 57).

Desde que chegam a esse mundo os seres humanos são construídos, desconstruídos e reconstruídos pelas descobertas que fazem ao longo da vida. Nesse processo formativo do ser, ao qual todos, inevitavelmente, são expostos, a imaginação é trabalhada, lapidada, para contribuir com essa formação. Nesse sentido, entre o real e o imaginário, os sujeitos vão se constituindo, ora questionando acontecimentos humanamente inexplicáveis, ora resignando-se a aceitá-los.

Partindo do princípio de que a existência humana se equilibra no limiar entre realidade e imaginação, percebe-se uma linha bastante tênue a demarcar essa fronteira, na qual a literatura se mostra um instrumento de referência, ou até mesmo de encontro, entre o sujeito e as múltiplas faces que o constitui, e o ajuda a compreender-se enquanto ser humano frente às dualidades da natureza humana e do mundo. Nesse duelo, a narrativa fantástica se coloca como um importante instrumento, inclusive, de reconhecimento e transformação do homem e do meio no qual vai sendo inserido ao longo do tempo.

Sabe-se que a produção artística-cultural do ser humano, invariavelmente, reflete a maneira como estão estabelecidos os sistemas de significação das condições sociais as quais o sujeito está submetido em um dado recorte espaço-temporal. Isto significa dizer

---

[1] Este trabalho foi extraído de uma pesquisa de mestrado em andamento, intitulada *LITERATURA CONTEMPORÂNEA PRODUZIDA EM MATO GROSSO: Tendências do fantástico em "Azul de fevereiro", de Eduardo Mahon*, orientada pela professora Dra. Adriana Lins Precioso, e que será concluída e defendida neste ano de 2021, no Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, *Câmpus* Universitário de Sinop.

[2] Graduada em Direito e Letras, Discente do PPGLETRAS-SINOP.

[3] "O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001" (Portaria n. 206 de 04 de setembro de 2018, que dispõe sobre a obrigatoriedade de citação da CAPES).

[4] Graduada em Letras, Discente do PPGLETRAS-SINOP.

que a História da humanidade é ecoada nas produções literárias e estas, por sua vez, tornam-se fontes inesgotáveis de estudos para a compreensão de um dado momento acontecimento histórico-social.

Desde os primórdios, Shakespeare já prenunciava o dilema do "ser ou não ser" que, atravessando "A tragédia de Hamlet", chega à contemporaneidade com um novo tom, no qual a voz que ecoa deixa de ser excludente e passa a ser inclusiva, ou seja, no mundo contemporâneo, o ser *ou* não ser cede espaço ao ser *e* não ser, o que ganha visibilidade na literatura contemporânea com a exposição dos dilemas mais comuns que sempre permearam a humanidade, como amor e ódio, guerra e paz, céu e inferno, certo e errado, dentre outras dualidades inerentes à complexidade da natureza humana.

Diante disso, o homem deixa de ser uno e torna-se plural, com seus vícios e virtudes tentando conviver de forma harmônica no mesmo espaço e, muitas vezes, travando duelos consigo mesmo para se chegar a um ponto de equilíbrio. E essa batalha é retrata, também, na literatura contemporânea produzida em Mato Grosso, especialmente, na literatura fantástica que, mais que qualquer outra, ousa-se dizer, tem suas bases firmadas na dualidade presente nas produções que seguem esse viés. Assim, evidencia-se que observar e discutir essas dualidades existentes na literatura fantástica pode auxiliar na compreensão das dualidades também inerentes ao mundo e ao homem que nele habita.

Com isso, o presente estudo se propõe a analisar a literatura fantástica produzida em Mato Grosso, a partir da coletânea de contos do livro "Azul de fevereiro" (2018), de Eduardo Mahon. Nesta proposição, dentre outros aspectos, espera-se compreender como o elemento inquietante figura nos acontecimentos desencadeados nos contos, bem como, suas relações com o mundo contemporâneo. Nesse pequeno espaço, o trabalho se deterá a algumas interpretações possíveis acerca do elemento espelho e como ele representa a multiplicidade e o deslocamento do homem no mundo atual, seguindo os pressupostos de Hutcheon (1991, p. 245) quando afirma que: "O Múltiplo, o heterogêneo, o diferente" fazem parte da retórica plural do texto pós-moderno.

Sobre a obra estudada, destaca-se que em 2018 a Editora Carlini & Caniato lançou um *box* de literatura com obras de autores que escrevem em, ou sobre Mato Grosso. A coletânea intitulada "Coleção Carandá" reuniu Marília Beatriz, Silva Freire, Fátima Sonoda/Lorenzo Falcão, Aclyse de Mattos, Icléia Rodrigues de Lima, Lucinda Nogueira Persona, Santiago Villela Marques, Ronaldo de Arruda Castro, Matheus Guménin Barreto e Eduardo Mahon, sendo deste último "Azul de Fevereiro", o livro de contos

escolhido. São sessenta pequenas narrativas que versam sobre aspectos do cotidiano e destacam que, nas palavras de Olga Maria Castrillon Mendes, a título de apresentação,

> Entre a fantasia e o jogo, os sentidos são arrebatados pelo que lê/observa, pelas surpresas finais e pela forma como o insólito se cola ao real. A brevidade de cada conto é estrutura e essência. Funciona como mecanismo de sobreposição de planos e de expressão poética, muito dentro da inventividade do escritor afeito aos influxos de expressivos narradores da literatura mundial (CASTRILON-MENDES, 2018, p. 10).

Diante da impossibilidade de apresentar neste breve espaço de análise uma visão mais ampla do conjunto, o presente trabalho faz um recorte e propõe alguns comentários críticos acerca dos contos: “Excelentíssimo”, “Maurício” e “Espelho cansado”. Essa pequena amostragem demonstra significativamente o pertencimento do gênero, em Mahon, ao núcleo da literatura fantástica, de acordo com teóricos que se debruçam sobre essa vertente literária.

Inicialmente, vale pontuar que a citação acima, de Castrillon-Mendes, antecipa certo procedimento aplicado na escritura: “escritor afeito aos influxos de expressivos narradores da literatura mundial” (idem). Depreende-se, assim, das observações da pesquisadora, um olhar arguto para as ferramentas utilizadas no processo de escritura. E aqui, chama-se atenção para o fato de que

> Num contexto saussuriano, a linguagem é um sistema de signos, de significantes e significados. O referente não faz parte desse sistema. No entanto, isso não nega a existência de um referente da linguagem: presume-se que ele exista, mas não precisa ser imediatamente acessível por meio do conhecimento (HUTCHEON, 1991, p. 192).

Ao retomar o tema da literatura fantástica, salienta-se que nos textos em análise há um apagamento das figuras que integram a literatura fantástica tradicional, como os monstros, fantasmas e vampiros. Nessas narrativas, a presença do insólito que, por vezes, pode ser contestada, é inserida fortemente no cotidiano de modo que, “em geral, não somos levados a lugares exóticos ou inóspitos, mas, sim, ao espaço doméstico e urbano, onde supostamente reside a segurança” (MANTAGRANO; TAVARES, 2019, p. 157).

Sob essa perspectiva, nota-se que o absurdo em Mahon se desloca para a temática cotidiana e se infiltra na rotina das personagens, formando uma obra que, ainda que não pertença ao rol das narrativas aterrorizantes, faz com que sua estranheza cause desconforto e inquietação. Desse modo, a narrativa mahoniana cumpre com um dos

objetivos do fantástico atual, que é “oferecer ao leitor histórias que o façam experimentar uma indescritível inquietação ante a falta de sentido revelada e percebida no seu contexto real e cotidiano” (ROAS, 2014, p. 21).

Por fim, destaca-se a importância de se falar em literatura brasileira produzida em Mato Grosso, o que, de forma alguma, significa tentativa de apagamento dos textos tradicionais, mas, muito pelo contrário, dá-se pela “necessidade de conhecer e socializar as manifestações literárias a partir da sua origem” (CASTRILON-MENDES, 2020, p. 15), tendo em vista que se não conhecemos as nossas produções culturais como um todo, “não as divulgamos, não fazemos leitores, não construímos a crítica, não participamos do mercado editorial, forte aliado do sistema de produção e de implantação do cânone” (idem).

Com significativa contribuição nesse “sistema de produção e implantação do cânone”, emprestando as palavras de Castrilon-Mendes, nota-se que Eduardo Mahon é um autor “que instiga e mobiliza leituras com enfoque na multifacetada condição humana. Sobre sua obra não cabem olhares unívocos, pois ela não se fecha com o último ponto. É justamente aí que se instaura o lugar da abertura para variadas interpretações” (idem, p. 27).

Nesse sentido, Eduardo Mahon se destaca por sua vasta produção no cenário das letras e, além de contribuir para a construção de uma identidade literária mato-grossense, com potencial de romper fronteiras, em suas obras, de maneira leve e profunda, realça a busca pela compreensão da condição existencial humana por esse ser, muitas vezes deslocado e multifacetado, que habita a sociedade contemporânea.

Um breve recorte – Alguns contos

O primeiro conto, que abre a coletânea, intitula-se “Excelentíssimo”. A personagem principal, de nome Rubião, atrela a narrativa a um dos grandes nomes da literatura fantástica brasileira, Murilo Rubião, que escreveu, entre outros, “O Pirotécnico Zacarias”, obra na qual

> A princípio foi azul, depois verde, amarelo e negro. Um negro espesso, cheio de listras vermelhas, de um vermelho compacto, semelhante a densas fitas de sangue. Sangue pastoso com pigmentos amarelados de um amarelo esverdeado, tênue, quase sem cor.
> Quando tudo começava a ficar branco, veio um automóvel e me matou (RUBIÃO, 2001, p. 148).

Ainda que haja registros anteriores de autores brasileiros consagrados e que tenham produzido narrativas importantes de filiação fantástica, como Álvares de Azevedo, Machado de Assis e Guimarães Rosa, é impossível não apresentar a figura do contista mineiro Murilo Rubião (1916-1991) como um dos pioneiros da literatura fantástica no Brasil. Nesse sentido

> Dois fatores, basicamente, legitimam seu pioneirismo. Além de ser o primeiro autor do moderno fantástico brasileiro, foi também o primeiro a se dedicar exclusivamente aos contos do gênero e, digamos, às suas formas contíguas, como o estranho, o insólito, o absurdo, etc. Em toda a sua obra [...], não há narrativas em que predomine uma estética realista (SARDAS, 2019, p. 13).

A publicação de "O Pirotécnico Zacarias" é de 1974, auge da ditadura militar, o que dá conotação importante para essa fuga à realidade, o reino das metáforas que caracterizou a cultura brasileira do período. Nesse aspecto, pode-se traçar também um paralelo com a literatura fantástica espanhola produzida entre os anos de 1960 e 1975, que parte de várias abordagens em sua produção fantástica, formando-se "um movimento guiado por propósitos estéticos profundamente conectados com as necessidades e problemas existenciais contemporâneos" (ROAS, 2014, p. 21), o que, evidentemente, embora em contextos distintos, marca também a produção de Eduardo Mahon.

Ao estabelecer contato com Murilo Rubião em "Excelentíssimo", a narrativa mahoniana ilustra o campo em que se insere e ao mesmo tempo apresenta um formalismo institucional expresso pelo superlativo absoluto sintético – forma de tratamento dado às altas autoridades, embora quase em desuso até mesmo na redação comercial.

Nesse conto, o recebimento da carta que "escorregou por debaixo da porta da cozinha" (MAHON, 2018, p. 13), a dúvida instaurada acerca do destinatário, a introjeção do pertencimento, a compra do fraque, a conversa do vendedor transformando-o em um perdulário, em nome da boa aparência, por exemplo, são motivações encadeadas que criam uma situação de suspensão na história. "Contigo estarão aqueles homens de estampa e mulheres com a pele de pêssego, gente que aparece em coluna social" (idem, p. 14). Nota-se aqui que ganha sentido a observação inicial de Castrillon-Mendes (2018) acerca do usufruto de linguagem que se espelha em grandes mestres da narrativa.

Já nesse conto de abertura de “Azul de fevereiro”, as questões existenciais do homem sobressaem-se como temática recorrente. Dentre essas questões, o vazio do homem que se vê compelido a se adequar a um mundo de aparências, em que o ser é subjugado pelo ter, o que leva a personagem de “Excelentíssimo” a adquirir bens de consumo que o enquadrem a um padrão que acredita ser esteticamente respeitável e necessário para atender a importância da ocasião:

> Do bolso, Rubião sacou a carta e mostrou ao vendedor: estarei adequado? O sujeito tomou a carta das mãos do cliente e apreciou a letra rebuscada por um instante: não, senhor! O caso aqui é de fraque. Nada mais, nada menos. Trocou-se tudo o que já estava embrulhado e Rubião desembolsou mais que o dobro do orçamento inicial (MAHON, 2018, p. 14).

Com isso, pode-se dizer também que a produção de Eduardo Mahon, que traz personagens marcadas pelo esvaziamento ou pela falta de sentido da vida ou do mundo, se aproxima de Murilo Rubião, tendo em vista que a obra desse último aponta prioritariamente para o homem e sua condição, uma problemática que é universal. Assim como em Murilo Rubião, observa-se em grande parte da obra de Mahon que

> [...] essa opção é quase sempre atravessada por um olhar cético e melancólico diante do mundo. Assim, temas como a solidão, a esterilidade das ações e das relações humanas, a impossibilidade de salvação espiritual e o sentimento de estranhamento existencial são repetidos e experimentados de forma insistente pelo autor (SARDAS, 2019, p. 14).

Nota-se em “Excelentíssimo” um outro aspecto que também acentua a relação entre o ter e o ser ou o parecer, e a necessidade de adequação do homem a essa via nem sempre de mão dupla, o diálogo travado pela personagem Rubião consigo mesma após a aquisição do conjunto completo para receber a suposta homenagem, o que lhe custou todo o salário do mês e lhe rendeu algumas reflexões:

> Enquanto seguia de volta para casa, conversou consigo: nunca antes tinha sido convidado para um baile de gala, reclamas de que? De nada, só estou a me ressentir pelo preço que empatei por uma noite. Foi-se o ordenado do mês, não tens pena? O Rubião mais orgulhoso objetava: Mas serás homenageado, homem! Não vês como é importante aparecer bem nas fotografias? (MAHON, 2018, p. 14).

Nesse excerto, o narrador destaca o conflito da personagem por ter gastado todo o salário do mês em algo direcionado apenas a uma única noite, mas que é amenizado pela importância de “aparecer bem nas fotografias”. Assim, ao final do conto, o fato de

o suposto compromisso para o qual Rubião fora convidado não se concretizar, reforça a tese do desprezo à essência e o valor que é dado à aparência, considerando que, ao aparecer no trabalho trajado para um evento de gala, de "funcionário público de baixo escalão" (MAHON, p. 13), Rubião passou a ser "tratado com distinção até mesmo pelo diretor do *bureau* que acabou por convidá-lo para jantar" (idem, p. 15, grifos do original).

O próximo conto da coletânea é "Maurício". Após o tratamento formal do início, aqui o título é um substantivo próprio. A história se passa em um domingo, cujos rastros o protagonista recolhia com os olhos atentos.

> Como era domingo, um domingo sem compromisso, um domingo sem horário para chegar ao serviço, bater o ponto, ir ao vestiário, meter-se num uniforme azul-marinho, entrar em linha, almoçar, bater o ponto no final da tarde, retirar o uniforme, voltar para casa, tomar banho e fazer amor com a mulher, enfim, como era domingo e, só por ser domingo, Maurício deixou-se ficar de pernas cruzadas, tomando o sol indolente e a brisa vinda de um mar distante (MAHON, 2018, p. 17).

Achar aquele objeto brilhante no chão da praça e se ver refletido de maneira hexagonal na pedra, que tem seu valor apresentado pelo narrador que traz a figura do joalheiro judeu cuja lupa não conseguia captar todos os Maurícios em sua lente, reflete a felicidade e amplitude do momento. Aqui o narrador apresenta um protagonista completo, em harmonia consigo mesmo, mas destaca que esse encontro harmônico de si para si se dá somente aos domingos: "[...] como era domingo <u>e, só por ser domingo</u>, Maurício deixou-se ficar de pernas cruzadas" (idem, grifos nossos), o que sugere a impossibilidade de constância desses momentos de completude.

Assim, pode-se dizer que somente aos domingos o protagonista do conto tinha tempo para si mesmo, vez que, nos demais dias da semana, levava a vida imerso nas obrigações de um trabalhador comum, ocupado em fazer girar a máquina de produção capitalista, sobrepondo a principal função do trabalho para o homem que, mais que produzir bens de consumo, é produzir sua própria natureza humana e transformar a sua realidade. Diz-se isso, por compactuar com Marx (1985, Tomo I, p. 153) que entende o trabalho como toda atividade humana que seja organizada, planejada e concretizada e que contribui para a compreensão do ser social.

Em "Maurício", sendo o trabalho tomado apenas e simplesmente como exploração da mão-de-obra, exigindo toda a energia do trabalhador, a ponto de não lhe sobrar tempo para nada além de suas atividades, faz com que não se cumpra uma das

funções essenciais dessa categoria - trabalho, que é a produção e a compreensão da natureza humana do homem. Com isso, pode-se dizer que a protagonista desse conto, somente aos domingos, dia em que não lhe é exigido todas as suas energias, é que tem a oportunidade de contemplar sua natureza e encontrar-se com seu verdadeiro eu, representado pelo objeto hexagonal encontrado no chão da praça e que refletia todos os seus movimentos.

Conforme se observa, há um contraditório interessante entre o primeiro conto "Excelentíssimo" – um protagonista que não o é e o protagonista de "Maurício", sujeito simples, mas brindado pelo acaso de estar no lugar certo, na hora certa "como se estivesse rezando para um deus desconhecido" (MAHON, 2018, p. 18). A lupa do judeu funciona como espécie de duplo, ao ampliar o objeto para o qual aponta.

Assim, vale retomar o "Excelentíssimo, em que a personagem Rubião se transforma em alguém desconhecido de si mesmo; os trajes e todos os cuidados dispensados consigo na preparação para o suposto evento para o qual fora convidado o faz defrontar-se com um outro até então nada familiar:

> Olhou-se no espelho e viu um tipo até então desconhecido: homem longínquo, magro, ainda viril, cabelos levemente grisalhos, nariz adunco perfeitamente encaixado no rosto anguloso. Com o fraque, alcançou alçada de coordenador, supervisor e, por que não, diretor de departamento (MAHON, 2018, p. 14-15).

A figura do espelho surge para abordar a questão da imagem, do reflexo do eu como um mediador entre o ser e o parecer, o interno e o externo, e esse espelhamento passa a representar a figura de um novo Rubião, construído a partir do olhar que o outro lhe lançaria após substituir a imagem do "mesmo Rubião solteiro e falido" (idem, p. 14) pelo "Rubião capaz de receber a homenagem a que tinha direito" (idem, p. 15).

Há que se pontuar que em "Excelentíssimo", mais uma vez a escrita de Mahon o aproxima do cânone. Nesse conto, especificamente, pode-se traçar um paralelo também com "O espelho", de Machado de Assis, em que o narrador apresenta uma personagem afetada pelo olhar do outro:

> [...] o olhar dos parentes e amigos de Jacobina alferes o envolve de calorosa aprovação e lhe dá a alegre certeza da estima familiar e pública. Mas, maléfico ou benéfico, a sua força verga e paralisa o sujeito, feito objeto, e tolhe a sua possibilidade de encontrar-se a si mesmo, barrando a realização da livre autoconsciência (BOSI, 2014, p. 244).

Nesse sentido, assim como o Jacobina de Machado, o Rubião de Mahon, acaba sustentando uma nova identidade a partir do olhar dos outros, evidenciando uma questão tão presente no pensamento moderno, “a identidade do sujeito forjada pelo olhar social” (BOSI, 2014, p. 244), representado pelo espelho, objeto enganador e que “constitui uma ‘falsa evidência’, quer dizer, a ilusão de uma visão: ele me mostra não eu, mas um inverso, um outro” (ROSSET, 1998, p. 79).

A partir dessa retomada de “Excelentíssimo”, vê-se em “Maurício” o já mencionado contraditório, tendo em vista que no segundo conto, o objeto que o reflete em hexágono, representa o reencontro com a sua própria identidade, o sujeito visto por ele e como ele mesmo, construído a partir do seu próprio olhar em todos os ângulos possíveis, podendo-se inferir até mesmo que a personagem volta à sua essência, relegando a aparência e as obrigações do mundo material, num encontro entre o alto e o baixo, o carnal e o espiritual, o divino e humano: “Olhou para cima e lá se demorou como se visse algo. O que viu, não se sabe” (MAHON, 2018, p. 18).

Como era somente aos domingos que Maurício podia andar despreocupado, sentar-se no banco de praça, olhar para cima e para baixo, “como se estivesse rezando para um deus desconhecido” (idem), assim como na tradição cristã, em que Deus descansou ao sétimo dia da criação do mundo, a personagem também descansa e encontra a sua essência no único dia em que é oportunizado a ele o merecido descanso.

Dando um salto para o próximo conto, “Espelho cansado” retoma-se a temática já conhecida dos leitores experientes. Acredita-se que parte dos grandes escritores já tenha se deparado com a questão do duplo, notadamente na utilização do espelho como anteparo para discussões de caráter existencial. Oscar Wilde, Machado de Assis, Guimarães Rosa, são alguns dos gigantes que podem ser citados. Dentre as inúmeras acepções que o termo assume na teoria da literatura, pode-se destacar também a de Jorge Luis Borges, do ponto de vista do fantástico, a de Guy de Maupassant, datada ainda do século XIX, embora esteja presente desde o período clássico da Antiguidade, para ficar apenas nos limites do Ocidente.

Em que pese o vigor do tema se ater ao século XIX, ainda no contemporâneo se percebe a força e a representação do imaginário da literatura refletida nesse objeto quase mágico, que é o espelho. Conforme já mencionado, Machado de Assis dá um tratamento aprofundado em conto homônimo, em uma de suas robustas reflexões acerca da constituição do humano.

No conto de Mahon, a compra do espelho antiquado gera desentendimento entre o casal. E o objeto não refletia exatamente o que o homem desejava; buscou trocá-lo. Compra – troca – reclamação, apenas a título de exemplo, é um traço das relações de consumo e outra característica que envolve as narrativas da coletânea, podendo ser observada a mesma sequência também no conto "Manual de instruções", que será analisado na dissertação mencionada em nota de rodapé da primeira página deste trabalho.

"O homem retirou o espelho do parafuso que o prendia à parede, colocou-o numa caixa de papelão e voltou ao pregão para pedir o dinheiro de volta. Não presta!" (MAHON, 2018, p. 39). A animização atravessa boa parte dos contos. Aqui, o espelho, mesmo quebrado, se volta contra o protagonista.

> Aloísio saiu de casa logo cedo. Era um sábado que se emendava ao feriado. Pegou as chaves, deu partida no carro e seguiu para o centro da cidade. Quero um espelho – pediu ao vendedor. Não estava em uma vidraçaria, como recomendou a mulher, e sim num pregão de usados. O sujeito voltou-se para o interior e, de lá, veio com um espelho numa moldura de madeira (MAHON, 2018, p. 37).

O narrador de "Espelho cansado" apresenta Aloísio, um homem casado, cuja esposa não é nominada, como também o vendedor do pregão onde ele busca comprar um espelho, encomenda de sua consorte. Ocorre que ela indica que ele vá a uma vidraçaria, mas ele recorre ao comércio de usados.

Os verbetes vidraçaria, interior e sujeito possibilitam uma primeira intervenção. O vidro, por si só trata de transparências, o interior é o que se avista (ou não) de uma pessoa, e sujeito impõe certa alteridade. Quando a esposa solicita que vá ao vidraceiro, há de modo subliminar (espécie de duplo) a ideia de transparência, de uma reflexão que se aproxime do mundo real. O vendedor, com o tratamento dado pelo narrador como um "sujeito", é provido de uma objetificação no contexto, capaz de oferecer um produto de acordo com as necessidades e a oferta em seu mostruário. A palavra interior diz respeito tanto à loja, ao estoque, quanto à própria dimensão humana.

> Maupassant deu ao duplo sua forma canônica, realizando, ao mesmo tempo, a façanha de jamais defini-lo no texto por seu nome clássico. Ele é designado por toda uma série de nomes que apontam para esse sentido se, mencioná-lo: a imagem obsessiva da janela, do livro posto sobre a mesa e da página que vira sozinha, enquanto na poltrona que parece vazia (para os outros) instala-se plenamente o duplo, 'bem ali, sentado no meu lugar'. Ausência e plenitude, imagem da loucura que chega ao ponto de concluir que 'vai ser

> preciso que eu me mate', indicação clara de que o outro é o eu (BRAVO, 2005, p. 279).

É interessante observar que, ao chegar em casa, mesmo com a reprovação da esposa, Aloísio instala o espelho no banheiro de azulejos azuis. O velho espelho em moldura de madeira, ovalado, ocupa o espaço vago na parede. O mesmo martelo utilizado para a instalação será útil para a destruição do objeto pelo sujeito marido. O produto estava encalhado na loja. Não se vendem mais objetos que revelem o ser, e sim, os que o mascaram, é a lógica do consumo, do descartável. A esposa queria algo novo, não um objeto usado.

> Os heróis que se desdobram apresentam uma disposição amorosa voltada para o próprio Ego e sofrem de uma incapacidade de amar. Um conflito psíquico cria o duplo, projeção da desordem íntima; o preço a pagar pela libertação é o medo do encontro (idem, p. 263).

Se Aloísio não costumava fazer a barba em feriados, resolveu inaugurar o espelho naquele sábado com essa atividade. E tal foi sua surpresa ao ver que o objeto não refletia exatamente o que acontecia a sua frente. O espelho passava a questionar as atitudes e os valores do sujeito; "a homonímia ou a semelhança, a proximidade estranha assinalada pelo 'eu' [...] levanta a questão da identidade" (BRAVO, 2005, p. 261).

Aqui, também se podem identificar elementos que se assemelham a teoria de Stuart Hall, quanto à construção da identidade do sujeito pós-moderno, como identidades "abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas" (HALL, 2006, p. 46).

Segundo Hall (2006) é possível compreender a identidade da personagem literária como contraditória, "dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções" (idem, p. 13), esbarrando na teoria do inconsciente, entende-se que o sujeito pós-moderno não possui uma identidade fixa, estabelecendo assim um debate em volta da crise de identidade carregada de vivência e efeitos estilísticos.

Retomando a figura do espelho, pode-se dizer, ainda, que há desdobramento do duplo em Freud, Jung e Lacan, em três gerações da psicanálise, o que demonstra como os conceitos são flexíveis ao longo do espaço e do tempo. Se para Freud e Lacan, a guisa do inconsciente, eles decalcam no texto literário as marcas da subjetividade e da presença do inconsciente, Jung, por sua vez, "caracteriza o duplo como uma parte não apreendida pela imagem de si que tem o eu, ou por ela excluída: daí seu caráter de

proximidade e de antagonismo. Trata-se das duas faces complementares do mesmo ser" (BRAVO, 2005, p. 263).

O narrador de "Espelho Cansado" disserta acerca do exterior: "havia nele um trabalho bonito na madeira da beirada que emprestava sofisticação àquele banheiro esteticamente prejudicado pela cortina de plástico que envolvia o chuveiro". Parece que o bom gosto da dona de casa é enxovalhado pelo narrador, ao contrastar os azulejos azuis e a cortina plástica ao objeto *art déco* adquirido em pregão.

A imagem do espelho não captava o interior. "Estava lá somente um rosto de meia-idade, repleto de espuma branca que caía sobre o lábio superior" (MAHON, 2005, p. 38). Os gestos, as atitudes, o interior do homem não eram captados pela esfinge, que o devorava. Nesse sentido, pode-se afirmar que são mesmo bastante variáveis as classificações do duplo,

> Keppler faz o inventário de sete modalidades diferentes de duplo: o perseguidor, o gêmeo, o (a) bem-amado (a), o tentador, a visão de horror, o salvador, o duplo no tempo – mas poderíamos acrescentar outros mais (BRAVO, 2005, p. 263).

O objeto cumpre o seu papel dentro dos limites do real, se não do fantasmático, o que seja "refletir o rosto de Aloísio, repleto de pelos que espocaram pelo rosto cansado" (MAHON, p. 37). A presença de Machado de Assis de maneira intertextual pode ser percebida também no plano linguístico, quando se lê: "É isso mesmo, não adianta dar cascudo ou piparote que não vou refletir na marra" (MAHON, 2018, p. 38). Farto de refletir a imagem alheia, o espelho se revolta com o novo dono.

> Essa viagem ao interior de si, que rompe (graças à ajuda de elementos mágicos) os estreitos limites das aparências (espelho, vaso de ouro) por meio da abertura de um terceiro olho, poetiza o universo, 'romantiza-o' (Novalis), transfiguração que só é possível para certos seres que 'se separam' da vida cotidiana (BRAVO, 2005, p. 274).

Em "Espelho Cansado", após Aloísio destruir o espelho, a identidade fragmentada em inúmeros pedaços continuou a refletir o mesmo objeto. Os cacos pareciam insistir em trazer ao mundo a expressão do real, do visível aos olhos, "O escândalo que representa para o herói a confrontação com o duplo provém de que este revela o oculto, mas, ao mesmo tempo, tal revelação significa a possibilidade de uma mudança do eu, de um progresso no autoconhecimento" (BRAVO, 2005, p. 273).

Ao se deparar com a moldura vazia, a esposa escancara seus argumentos para Aloísio, como a insistir que tinha razão, desde o início. “Lacan mostra que o outro do sujeito jamais se encontra onde este o imagina, em virtude do inconsciente; o acesso ao simbólico consuma-se pela divisão do eu” (idem, p. 279). Indagado sobre o fato de o espelho ser apenas velho, Aloísio responde à esposa: “É verdade, meu amor, mas todos ficamos – retrucou. Para nós, contudo, nem espelho novo resolve, disse antes de ir almoçar” (MAHON, 2018, p. 40).

A ambiguidade da resposta de Aloísio reporta a mais de uma interpretação possível. Em um dos casos, “A rejeição do duplo faz nascer um homem novo, emancipado, sem raízes” (BRAVO, 2005, p. 282). Essa é uma alternativa razoável para se pensar. Para Jorge Luís Borges, no entanto, para quem “varia ao infinito o mito do duplo” (idem, p. 285), o caminho parece se aproximar de Rimbaud (o eu é um outro) e “está apto a representar tudo o que nega a limitação do eu, a encenar o roteiro fantasmático do desejo” (idem, p. 287).

Pela análise dos contos apresentados, nota-se que, diferente das narrativas fantásticas tradicionais, a exemplo de Edgar Allan Poe, em quem o elemento fantástico aterrorizante e gerador do medo é marca característica em grande parte de sua produção literária, em “Azul de Fevereiro” (2018), o inquietante se manifesta, muitas vezes, com um certo toque de ironia e diversão, que entrelaça o espanto, a surpresa, às questões existenciais das personagens, eviscerando, com isso, a complexidade do homem ao ter de lidar com suas inquietudes e dualidades em um mundo que se mostra ainda mais complexo e, por vezes, incompreensível.

Por fim, reitera-se que o conteúdo aqui apresentado é apenas um breve esboço em torno do *corpus* de uma pesquisa ainda em andamento e de alguns dos conceitos que serão trabalhados durante o seu desenvolvimento. Ainda, tem-se que para se esmiuçar as tendências do fantástico na literatura contemporânea produzida em Mato Grosso, especialmente em “Azul de fevereiro”, de Eduardo Mahon, será necessária a imersão nas teorias que abordam o tema, sem distanciarmo-nos da visão de que a literatura fantástica, em sentido amplo, pode ser estudada e entendida a partir da fratura que ela insere no real, no descompasso instaurado no espaço discursivo do qual faz parte.

Se Eduardo Mahon pode ser considerado um autor plural, com distinta variedade de nuances para a constituição de sua ficção, pensa-se que o debruçar-se sobre um pequeno *corpus* reunido a partir de inferências fantásticas em sua estrutura pode pavimentar a hipótese de que sua verve narrativa contempla essa variedade sígnica de

imagens condensadas para a produção de múltiplos sentidos, o que o reforça a sua posição importante autor contemporâneo, com uma obra diluída neste clarividente mal estar da (pós) modernidade.

Lyotard afirma ser pós-moderno aquilo que designa o estado da cultura após as transformações, chamadas de crises entre ciência e sociedade (1988, p. 15), o que "negligencia-se o princípio humanista, segundo o qual a humanidade eleva-se em dignidade e em liberdade por meio do saber" (LYOTARD, 1988, p. 62). Assim, constitui-se a criação literária pós-moderna, pautada na liberdade, na abolição da ideia de verdade como arma do poder; e se metamorfoseia na arte como se conhece hoje, impregnada de dúvidas, desconfianças, sendo a desconstrução sua principal ferramenta.

A esse respeito, encerra-se com o alerta de Olga Maria Castrillon-Mendes (2018, p. 9-10) no prefácio de "Azul de fevereiro", de que a obra em si é uma "narrativa das impermanências", lançando um convite para que o leitor se aproxime da literatura apresentada e que, nessa aproximação, se perca para se resignificar e dar conta de compreender sua existência na conturbada sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. O duplo espelho em um conto de Machado de Assis. *In*: **Estudos avançados**. v. 28, n. 80, São Paulo, Jan./Abr. 2014. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0103-40142014000100020.

BRAVO, Nicole. Duplo. In: BRUNEL, Pierre (org.) **Dicionário de mitos literários**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

CASTRILON-MENDES, Olga Maria. Prefácio. *In*: MAHON, Eduardo. **Azul de fevereiro**. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2018.

CASTRILON-MENDES, Olga Maria. **Matogrossismo**: questionamentos em percursos identitários. 1. ed. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato Editorial, 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-Modernismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

MAHON, Eduardo. **Azul de fevereiro**. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2018.

MAHON, Eduardo. **Inclassificáveis**. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2020.

MANTAGRANO, Bruno Anselmi; TAVARES, Enéias. **Fantástico brasileiro**: o insólito literário do romantismo ao fantasismo. Curitiba: Arte & Letra, 2019.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Livro I, Tomo I. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

ROAS, David. **A ameaça do fantástico**: aproximações teóricas. Trad. Julián Fuks. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

ROSSET, Clément. **O real e seu duplo**: ensaio sobre a ilusão. Trad. José Thomaz Brum. Porto Alegre: L&PM, 1998.

RUBIÃO, Murilo. O pirotécnico Zacarias. In: MORICONI, Ítalo (org.). **Os cem melhores contos brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

SARDAS, Guilherme. **O absurdo da existência em Murilo Rubião**. 1. ed. Jundiaí/SP: Paco editorial, 2019.